

POLÍTICA

Tião Viana

“Bombardeio diminuiu, mas haverá vingança eleitoral”

O senador explica parte da estratégia para tirar seu partido do atoleiro em que se meteu

DANIEL PEREIRA, HUGO MARQUES E
SERGIO PRADO
BRASILIA

O governo comemorou a diminuição do bombardeio da oposição que tinha como alvo a cabeça do ministro da Fazenda, Antonio Palocci. Atrás da costura para que o ministro fosse apenas convidado pela CPI dos Bingos está o vice-presidente do Senado, Tião Viana (PT-AC). A versão que corria em Brasília, quando havia especulações sobre a saída de Palocci, é que Tião resiste em ser o novo líder do governo, para não

acumular a administração de três gabinetes: o de senador, o de líder e o de vice-presidente. Doutor em medicina tropical, 44 anos, Tião dá detalhes do diagnóstico da arrogância que atingiu grande parte dos dirigentes petistas.



Tião Viana

Nesta entrevista, o senador pelo Acre explica parte da estratégia para tirar seu partido do atoleiro em que se meteu. Confiante na reeleição do presidente Lula, Viana acha que o caminho da reeleição passa por maior comunicação e divulgação da administração petista. O presidente Lula, diz ele, “mostra-se inquieto com essa comunicação ainda inadequada” do governo.

♦ Antonio Palocci

“O ministro Antonio Palocci está, no meio da crise, mais fortalecido do que ao entrar nela. Em agosto, quando aconteceram as denúncias, ele reagiu e saiu-se muito bem. Os articulistas apontaram total credibilidade na defesa que ele fez de si mesmo. O presidente entendeu como correto superar o impasse entre desenvolvimentistas, monetaristas e pelo ajuste fiscal no caso Palocci-Dilma, que é uma divisão no governo, com um necessário fortalecimento do Palocci.”

♦ Diálogo e oposição

“Foi um gesto muito auspicioso do governador Aécio Neves quando ele disse o seguinte: a presença do ministro Palocci à frente da economia é muito saudável para o Brasil. Acho que é o entendimento de um político maduro, um homem que entendeu que o PT foi derrotado neste momento da crise. O diagnóstico político que se tem é que o PT foi derrotado, o PSDB vitorioso, o PFL com índices de vitória também. E agora, o PT, na derrota franca, começa um movimento para o qual a imprensa abre espaço, defendendo a apuração mais ampla do que o ataque frontal ao partido. Portanto, o PSDB começa a descer os degraus da culpa nesse processo de crise política causada por partidos políticos, onde o principal ator chama-se PT. Porque foi dele que estourou todo o conflito de informações e as denúncias se aprofundaram e encontraram culpados. Agora, no meio da crise surgem sentimentos de revanche, de mágoas passadas que são transferidas por alguns partidos e

muitos dos seus líderes para o PT. Podemos estar diante de muitos exageros, de muitos excessos. Não podemos substituir justiça por ódio, por ressentimento e por ataques eleitorais ou eleitoreiros de alguns. O PSDB começou a entender isso porque começou a sofrer alguns ataques também, que julga injustos. O PFL começa a viver um pouco esse cenário. Para nós, hoje, cabe a responsabilidade, a maturidade política e a sensatez de administrar a crise, sem proteger culpados, mas sem fazer disso aqui uma delegacia de polícia e um tribunal de inquisição.”

♦ Esgotamento das CPIs

“Do ponto de vista material e do ponto de vista da análise de dados, já deveria ter se esgotado. Esta semana está mostrando um horizonte. Acho que as comportas da crise já foram todas abertas, já extravasou o que tinha que extravasar. Ou se tem competência, ou não se tem, para analisar e para apresentar os indícios ou as provas. Compete agora, a nós, entender qual é o papel de cada partido aqui. A sociedade tem o sentido da análise, da fadiga de material, de entender o que é o oportunismo político. Não tenho dúvida que o governo do presidente Lula se afirma como um governo que teve a determinação de enfrentar a corrupção. Infelizmente, fomos alvejados na hora da confirmação desse papel de vanguarda nacional. As forças conservadoras do Brasil agora acham que há terreno para uma nova batalha na disputa de poder. O PSol me parece ter as críticas corretas sobre as injustiças, as desigualdades, os desa-

certos, as incoerências, mas ainda tem as teses do século 20.”

♦ Coligações

“Pela própria feição do PMDB é quase impossível uma coligação eleitoral pelo menos no primeiro turno. O partido que tem Requião, tem Garotinho, tem Germano Rigotto, tem Jarbas Vasconcelos, tem o grupo do Quércio envolvido no processo de disputa eleitoral, vai trabalhar com interesses claros e pessoais de grupos partidários. Nós temos que ter paciência e buscar esse apoio para o segundo turno. Com relação ao PSDB acho que temos uma concepção progra-

“Não tenho dúvida que temos todo o tempo para o presidente ser reconhecido como estadista que ele é, um líder mundial”

mática parecida e isso poderia permitir a união da direita do PT com a esquerda do PSDB.”

♦ Reviravolta do PT

“Quando você vê um Luz para Todos se propondo a alcançar 12 milhões de famílias neste País que ainda estão com indicadores do século 19, demonstra que o governo ainda não mostrou talvez o mais belo programa social da história republicana. Quando eu vejo um governo que aumentou em 49% as verbas para a saúde com a inflação de 30%, e ele não mostra isso, prefere uma briguinha do ministro atual com ministros anteriores, mostrando quem fez mais, de-

monstra que nós estamos errados. O ministro Jaques Wagner trouxe acertos nessa relação com a Câmara, mas no Senado a distância é muito grande. O parlamento é a célula geradora, bastava uma regra de convivência correta, sem nenhum rastro ético. Mas o governo fica preso a teses internas das salas de ar condicionado, dos corredores da burocracia, e esquece de fazer a boa política. O PT às vezes troca a conquista de um novo espaço de relações institucionais, de regras de convivência da política, por sentimentos como revanche, mágoas passadas. Hoje a relação do PT com o PSDB ainda é muito mais de revanche, erro do PT, do que de uma regra de convivência virtuosa. Ou seja, o que nos une na construção deste País? Vamos fazer isso, deixa o PSDB criticar. Nós não criticamos tanto? Eles têm direito de fazer isso.”

♦ Recuperação

“Não tenho dúvida que temos todo o tempo para o presidente ser reconhecido como estadista que ele é, um líder mundial e um homem que tem muito o que fazer ainda para o País. O fato é que a oposição está declinante como alternativa de poder. Nós tínhamos a prerrogativa do novo e caímos numa armadilha por métodos envelhecidos. Não estou descartando uma aproximação institucional com o PSDB no futuro. Por enquanto estamos disputando poder e isso nos atrapalha muito nessa aproximação. Há uma identidade de visão institucional e de desenvolvimento entre nós e lamentavelmente a crise nos afastou.”